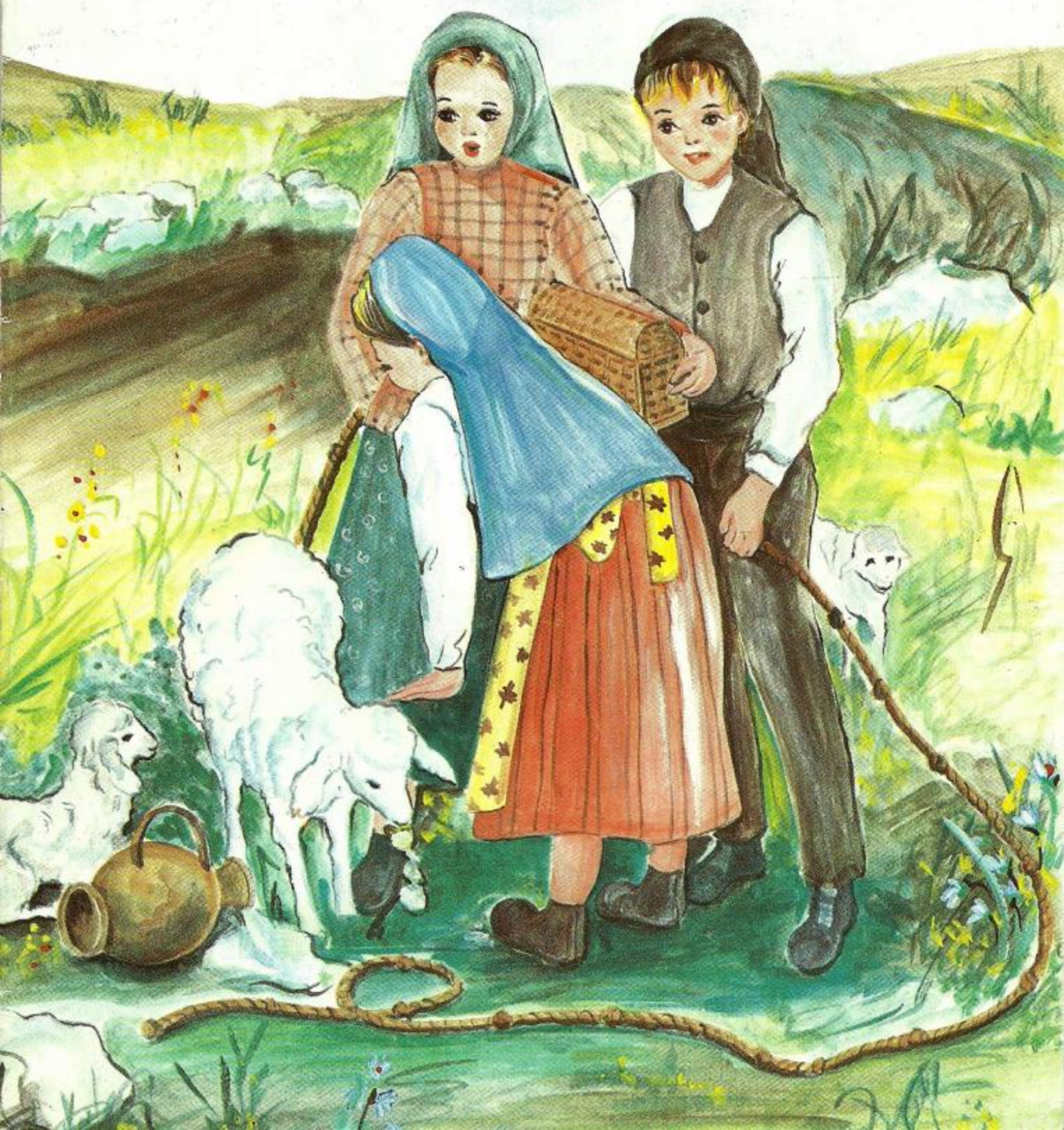


# OS TRÊS PASTORINHOS DE FÁTIMA







## UMA MENSAGEM

**SÃO** para vós, crianças de Portugal, estas páginas simples que narram uma das histórias mais lindas do nosso tempo: as aparições de Nossa Senhora de Fátima.

Fátima era, no começo deste século, uma aldeia humilde e ignorada, escondida na Serra de Aire, no centro de Portugal. Hoje, Fátima é um nome por todos conhecido porque ali, em 1917, a Mãe de Jesus falou a três crianças: Lúcia de 10 anos, Francisco de 8 e Jacinta de 7.

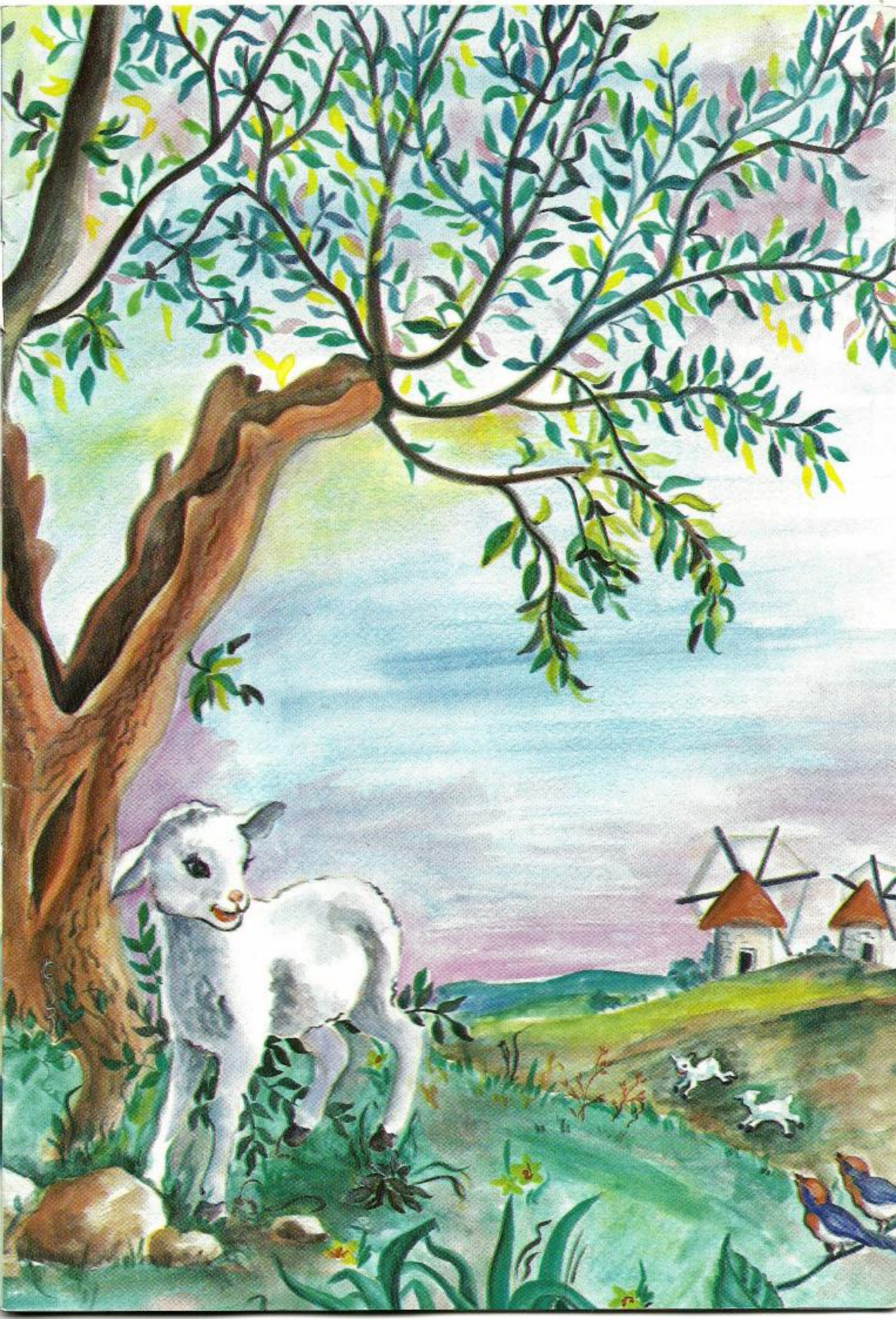
Os pais da Lúcia eram António dos Santos e Maria Rosa; os do Francisco e da Jacinta, irmãos, eram Manuel Marto e Olímpia de Jesus. Habitavam todos em Aljustrel, lugarejo a 2 quilómetros de Fátima, onde as pessoas na sua maioria eram pastores ou pequenos agricultores.

Falando aos três pastorinhos, Nossa Senhora falava a todos vós. Amai, como eles, tudo aquilo que

é belo e bom; amai a oração, os pequenos sacrifícios e o que é do agrado do Coração da Mãe do Céu. Afastai-vos de tudo o que pode manchar a vossa inocência, e um dia a Virgem levar-vos-á também, como ao Francisco e à Jacinta, para o Céu.











## A LÚCIA

**LÚCIA** tinha as feições um pouco rudes, a pele requeimada pelo sol e pelo ar forte da serra e o olhar um pouco carrancudo. Contudo o seu coração era de ouro. Bondosa e obediente, esperta e

sobretudo meiga, tão meiga que todos lhe queriam bem.

Aprendeu o catecismo com a mãe, na hora da sesta durante o Verão, e no Inverno ao serão.

Fez a Primeira Comunhão aos seis anos, e nunca mais esqueceu o que a mãe lhe disse na ocasião: «Sobretudo pede a Nosso Senhor que te faça uma santa». As mulheres de Aljustrel, quando iam trabalhar para o campo ou quando estavam doentes, pediam-lhe que guardasse os filhinhos mais novos.

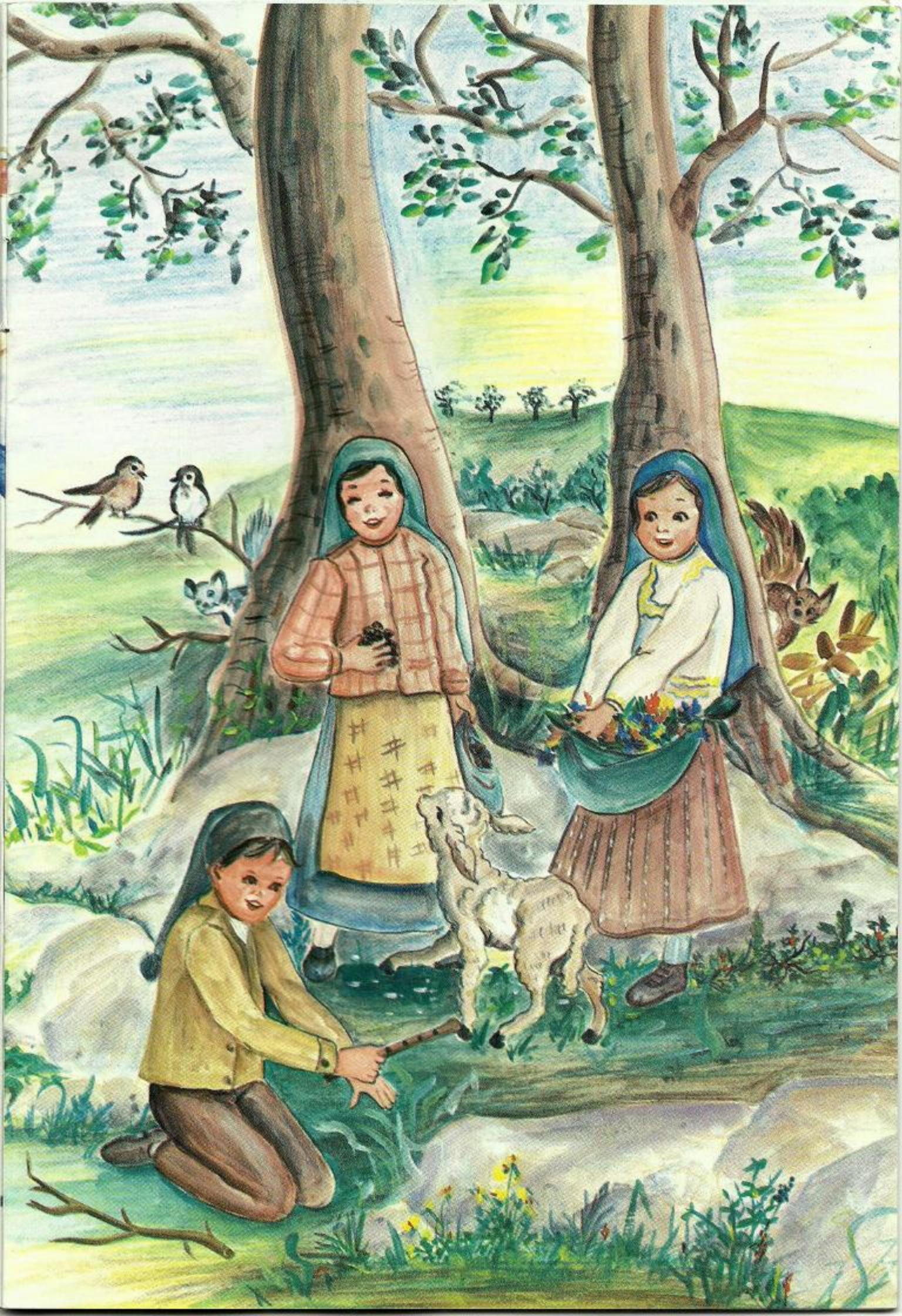
Gostava muito de acompanhar as irmãs mais velhas nas festas, nas vindimas, na apanha da azeitona, sobretudo se havia dança.

Ao completar sete anos, os pais confiaram-lhe a guarda do rebanho.

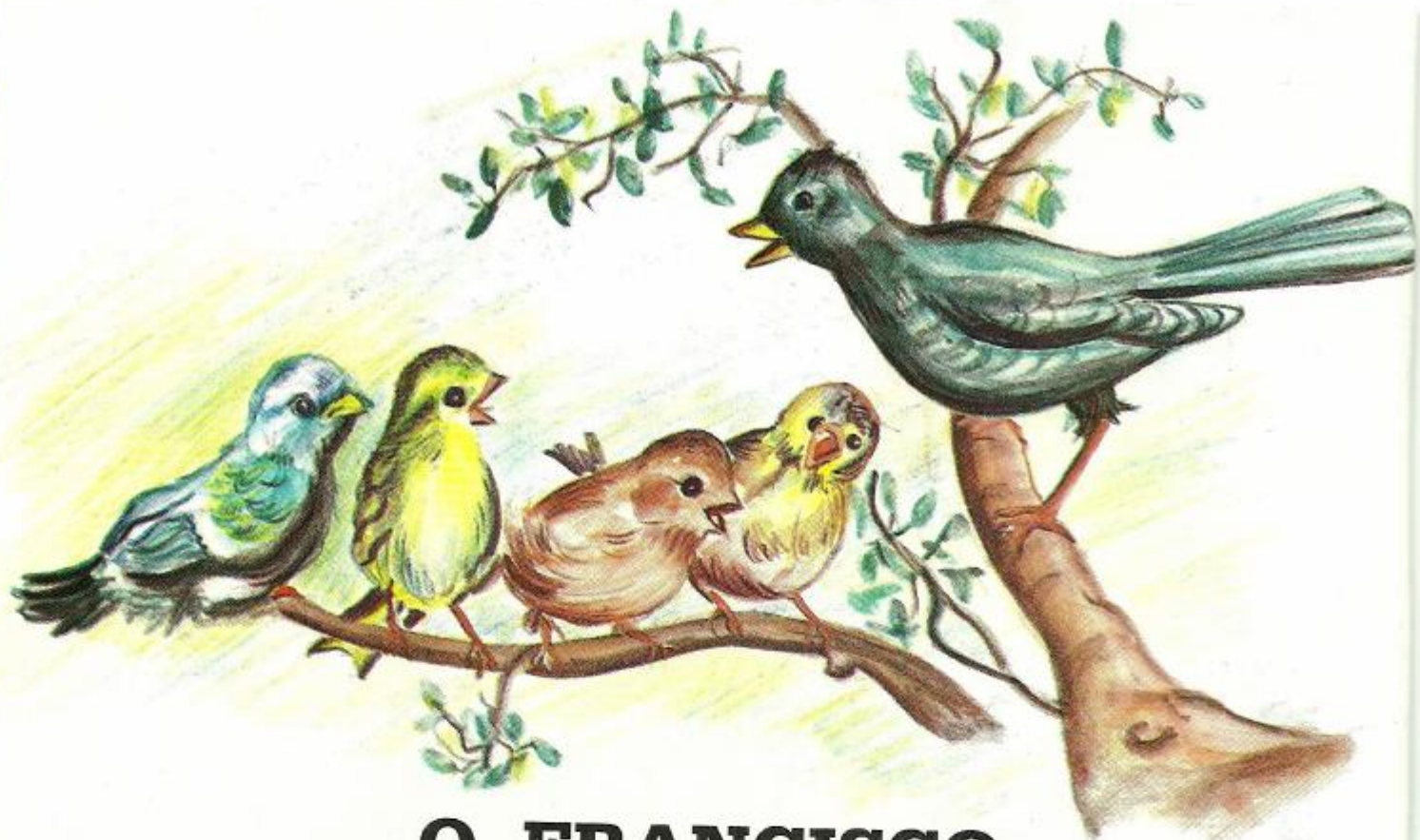
Na serra, havia muitos pastores, mas a Lúcia acabou por escolher como companheiros os seus primos Francisco e Jacinta.











## O FRANCISCO

**C**ARINHA redonda, bochechuda, olhos castanhos, cabelos claros e macios; uma alma límpida e um coração terno – eis o nosso amigo Francisco.

Era de poucas palavras, pacífico e condescendente.

Tal como os outros rapazitos, o

Francisco apreciava a brincadeira, mas poucos gostavam de jogar com ele, porque perdia quase sempre. Os seus jogos preferidos eram o fito, a malha, as cartas, sobretudo a bisca.

Admirava as belezas da Natureza; ficava encantado com um lindo nascer ou pôr-do-sol.

Amava a música e passava horas e horas a tocar o seu pífaro de cana, sentado no penedo mais alto das redondezas.

Gostava muito das avezinhas. Certo dia, viu um companheiro com um passarinho na mão.

— Solta-o! – pediu-lhe compadecido e triste.

Mas como o outro se recusou, Francisco deu-lhe uma moeda para o convencer.

Quando, depois, o viu voar, bateu as palmas de contente e gritou:

— Toma cuidado! Não te deixes apanhar outra vez!











## A JACINTA

**À** semelhança do seu irmãozito Francisco, a Jacinta tinha um rosto bonito, olhos límpidos e vivos, boca pequena, figura airosa.

Era muito delicada e sensível, tão sensível que por vezes amuava com facilidade. Uma grande amizade a unia a sua prima Lúcia. Só lhe sabia bem brincar com ela. Costumava rezar no silêncio dos penedos e dos vales.

A Jacinta gostava muito das flores e das ovelhinhas. A cada uma tinha dado um nome: havia a Pomba, a Mansa, a Estrela, a Branquinha, os nomes mais bonitos que conhecia. Com os cordeiros, então, era toda ternura: sentava-os no regaço, abraçava-os e, ao anoitecer, trazia-os ao colo para casa, a fim de não se cansarem.

Um dia, ao voltar da serra, meteu-se no meio do rebanho.

— Jacinta — perguntou-lhe a Lúcia — «porque vais aí, no meio das ovelhas?»

— É para fazer como Nosso Senhor. Naquele santinho que me deram, Ele também está assim, no meio de muitas e com uma ao colo.











## O ANJO

**T**ODAS as manhãs, cedinho, os três pastorinhos saíam com o rebanho e com a merenda na saca.

Naquele dia o Sol rompeu triste. Momentos depois começava a cair uma chuva miudinha. Temendo que viesse uma forte chuvada, procuraram abrigo entre as pedras da encosta do Cabeço.

De repente levantou-se um vento estranho; os três olharam espantados e deram com um clarão vindo do nascente, que se aproximava cada vez mais forte, cada vez mais esplendoroso... Era um Anjo que baixava até eles.

— Não temais! — disse ele — Sou o Anjo da Paz, orai comigo: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para com os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam». Orai assim. Os corações de Jesus e de Maria estão atentos às vossas súplicas.

Depois o Anjo desapareceu.

O Mensageiro do Céu apareceu

mais duas vezes aos pastorinhos, convidando-os a rezar e a oferecer sacrifícios pela conversão dos pecadores.

Na última aparição, o Anjo deu a comunhão à Lúcia, ao Francisco e à Jacinta. Era o aviso do Céu que escolhera aqueles corações pequenitos para coisas grandes.











## NOSSA SENHORA

**E**RA perto do meio-dia, naquele dia 13 de Maio de 1917.

A Lúcia, o Francisco e a Jacinta encontravam-se a guardar o rebanho no cimo da encosta da Cova da Iria. De repente, viram como que um relâmpago e ficaram muito assustados.

— É melhor irmos para casa —

disse a Lúcia — pode vir trovoada.

— Pois sim — concordaram os primos.

Ao chegarem a meio da encosta, viram outro relâmpago e, mais à frente, sobre uma carrasqueira, uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol.

— Não tenhais medo. Eu não vos faço mal — disse a Senhora.

— De onde é Você? — perguntou a Lúcia.

— Sou do Céu.

— E que é que Você me quer?

— Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta hora. Depois direi quem sou e o que quero.

A Senhora vestida de branco perguntou, depois, se queriam sacrificar-se pelos pecadores, pediu que rezassem o terço todos os dias e preveniu-os que teriam de sofrer muito.

Nos meses seguintes, os pastinhos foram fiéis aos pedidos da Senhora.











## NINGUÉM QUERIA ACREDITAR

**A JACINTA** foi a primeira a contar o que tinha acontecido:

— Ó mãe, vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria.

— Credo, filha! És uma boa santinha para veres Nossa Senhora — respondeu a senhora Olímpia, incrédula.

Pouco a pouco a notícia espalhou-se.

Também a senhora Maria Rosa

não podia acreditar na filha e recorreu a todos os meios para que a Lúcia se desmentisse.

Um pobre homem que troçava dos pastorinhos perguntou um dia à mãe da Lúcia:

— Então, ti Maria Rosa, que me diz das visões da sua filha?

— Não sei — respondeu.

O pároco de Fátima, depois de ter interrogado os pastorinhos, abanou a cabeça e disse:

— Isto pode ser um engano do demónio.

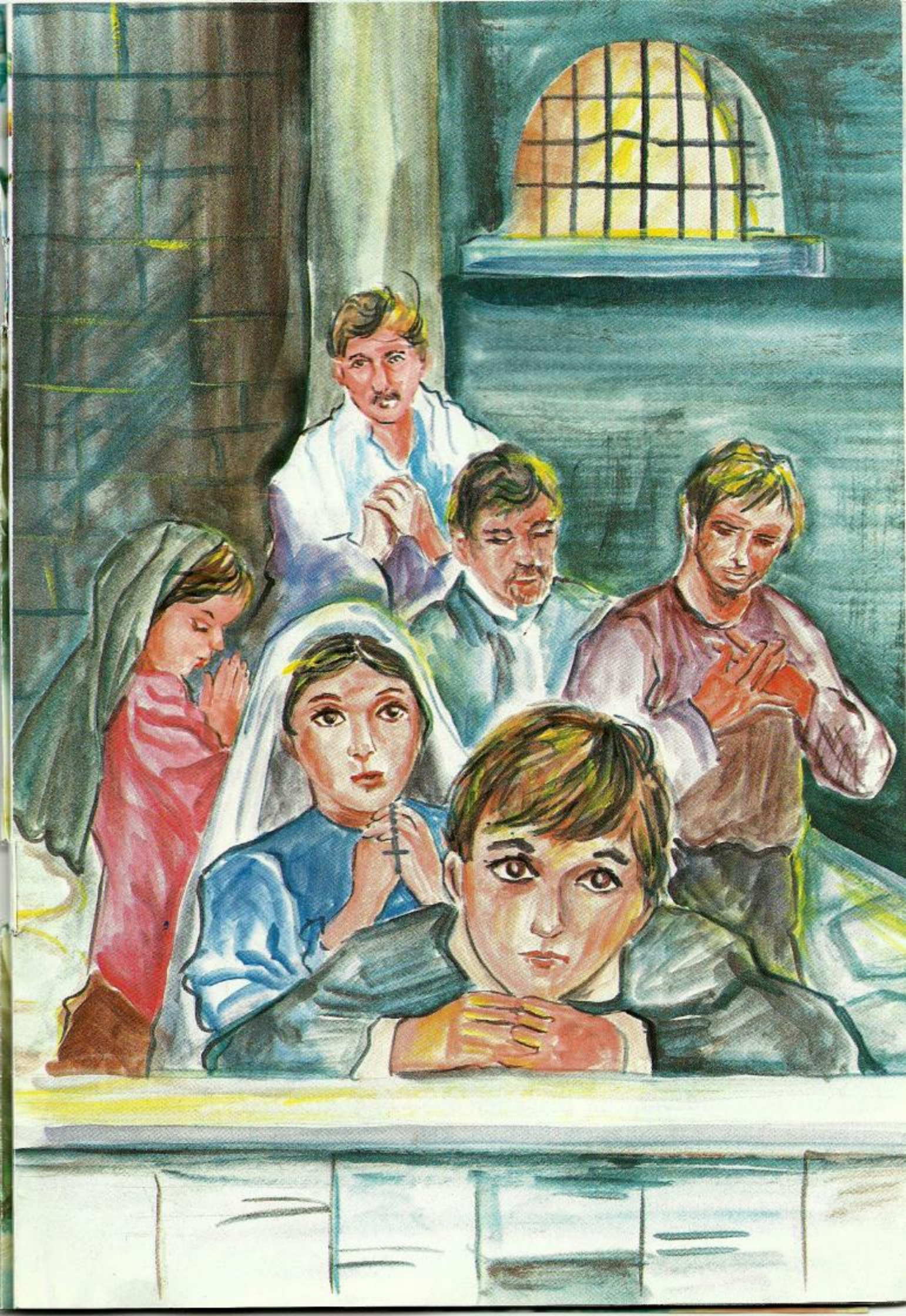
Um dia até apareceu em Aljustrel o administrador de Vila Nova de Ourém, disposto a acabar com tudo. Conseguiu enganar as crianças e levá-las para a prisão. Mas os três foram firmes, mesmo quando o Administrador os ameaçou.

Em todos os momentos difíceis, os pastorinhos recordavam as palavras da Senhora:

— Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.











## REZAI E FAZEI SACRIFÍCIOS

**O**s pastorinhos tomaram a peito a oração e o sacrifício pela conversão dos pecadores.

— Jacinta, vem brincar — disse-lhe um dia a Lúcia.

— Hoje não quero brincar.

— Porquê?

— Porque estou a pensar na recomendação que aquela Senhora nos fez, que rezássemos o terço e fizéssemos sacrifícios.

O Francisco logo depois da primeira aparição tinha exclamado cheio de alegria:

— Ó minha Senhora, terços rezo todos quantos vós quiserdes!

E muitas vezes a Lúcia e a Jacinta iam dar com ele escondido atrás duma parede a rezar.

Havia umas crianças muito pobres que andavam de porta em porta a pedir esmola. A Jacinta ao vê-las um dia, propôs:

— Demos a nossa merenda àqueles pobrezitos.

Desde então, a merenda dos

pastorinhos era pinhões, amoras, frutos caídos das árvores, bolotas e azeitonas amargas.

Na hora de grande calor, a sede era uma tortura.

— Que bom — dizia a Jacinta —, tenho tanta sede, mas ofereço tudo pela conversão dos pecadores.











## MILAGRE! MILAGRE!

«**E**M Outubro farei um milagre para que todos acreditem», dissera Nossa Senhora no mês de Julho. A Lúcia repetiu estas palavras a todos os que a interrogavam. Chegou o dia 13. Pessoas vieram de perto e de longe aos milhares. Todos queriam ver o milagre anunciado. Era meio-dia solar, quando a Lúcia gritou:

— Calem-se! Já lá vem Nossa Senhora!

O rosto dos pastorinhos transformou-se. Uma nuvenzinha branca envolveu-os.

— Que é que Você me quer? — perguntou a Lúcia.

— Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra. Eu sou a Senhora do Rosário. Continuem a rezar o terço todos os dias. É preciso que as pessoas se emendem, que peçam perdão

dos seus pecados. **E que não ofendam mais Nosso Senhor, que já está muito ofendido.**

— Não quer mais nada de mim? — perguntou a Lúcia.

— Não quero mais nada.

E a Senhora do Rosário despediu-se dos seus três amiguinhos.

— Lá vai Ela! Lá vai Ela!... Olhem para o Sol! — gritou a Lúcia.

Milhares de pessoas viram então o Sol dançar, parar e voltar a dançar. Depois, pareceu que se soltava do céu e queria cair sobre a multidão. A gente gritava:

— Ai Jesus, que morremos todos! Nossa Senhora nos acuda!

Por fim, o Sol parou e todos deram um grande suspiro de alívio; de toda a parte se ouvia bradar:

— Milagre! Milagre!









## QUE LUZ TÃO LINDA!

**Na** aparição de Junho, Nossa Senhora prometera que em breve levaria o Francisco e a Jacinta para o Céu.

Ambos adoeceram, meses mais tarde, quando uma terrível epidemia — a gripe pneumónica — percorreu Portugal inteiro.

Durante a doença, o Francisco nunca se queixava, contente de sofrer alguma coisa pela conversão dos pecadores. Aceitava qualquer remédio que lhe dessem, mesmo o mais amargo. Os pais até julgavam que ele venceria o mal. Mas qual! O Francisco continuava a repetir que Nossa Senhora o levaria em breve.

— Estou muito mal, ó Lúcia, e já me falta pouco para ir para o Céu.

— Então vê lá! Não te esqueças

de pedir muito pelos pecadores... pelo Santo Padre, por mim e pela Jacinta...

— Sim, eu peço, mas olha, essas coisas pede-as antes à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer quando vir Nosso Senhor. E depois, antes O quero consolar.

O Francisco estava na verdade muito doente. Pediu ao pai que fosse chamar o pároco. Horas depois, o pastorinho confessava-se e no dia seguinte fazia a sua primeira e última comunhão.

Pelas dez horas da manhã do dia 4 de Abril de 1919, o Francisco disse à mãe:

— Olhe, mãe, que luz tão linda, ali junto da porta!

Era a formosa Senhora da Cova da Iria que vinha buscar o seu pastorinho.









## VOU PARA O CÉU!

**A** morte do irmão deixou a Jacinta profundamente impressionada. Passava horas e horas na maior tristeza.

Abriu-se-lhe no lado esquerdo um abcesso que a fazia sofrer muito e não a deixava dormir.

Nos primeiros dias de Julho de 1919, o Sr. Marto levou-a para o hospital de Vila Nova de Ourém.

O tratamento não deu resultado e a doentinha, em fins de Agosto, voltou para casa. A ferida infectou e a criança definhava dia a dia.

A Lúcia visitava-a frequentemente.

— Ó Lúcia, comungaste hoje?

— Comunguei, sim!

— Então chega-te aqui bem para mim, que tens em teu coração a Jesus escondido... Já falta pouco para ir para o Céu. Tu ficas

cá para dizeres que Deus quer estabelecer no mundo a devoção do Imaculado Coração de Maria. Um médico de Lisboa convenceu os pais a deixá-la ir para a capital, a fim de ser ali tratada convenientemente. Foi internada e operada no hospital de D. Estefânia; todavia, não houve melhoras.

— Ai Nossa Senhora! Ai Nossa Senhora! — era o seu único queixume. Ou então:

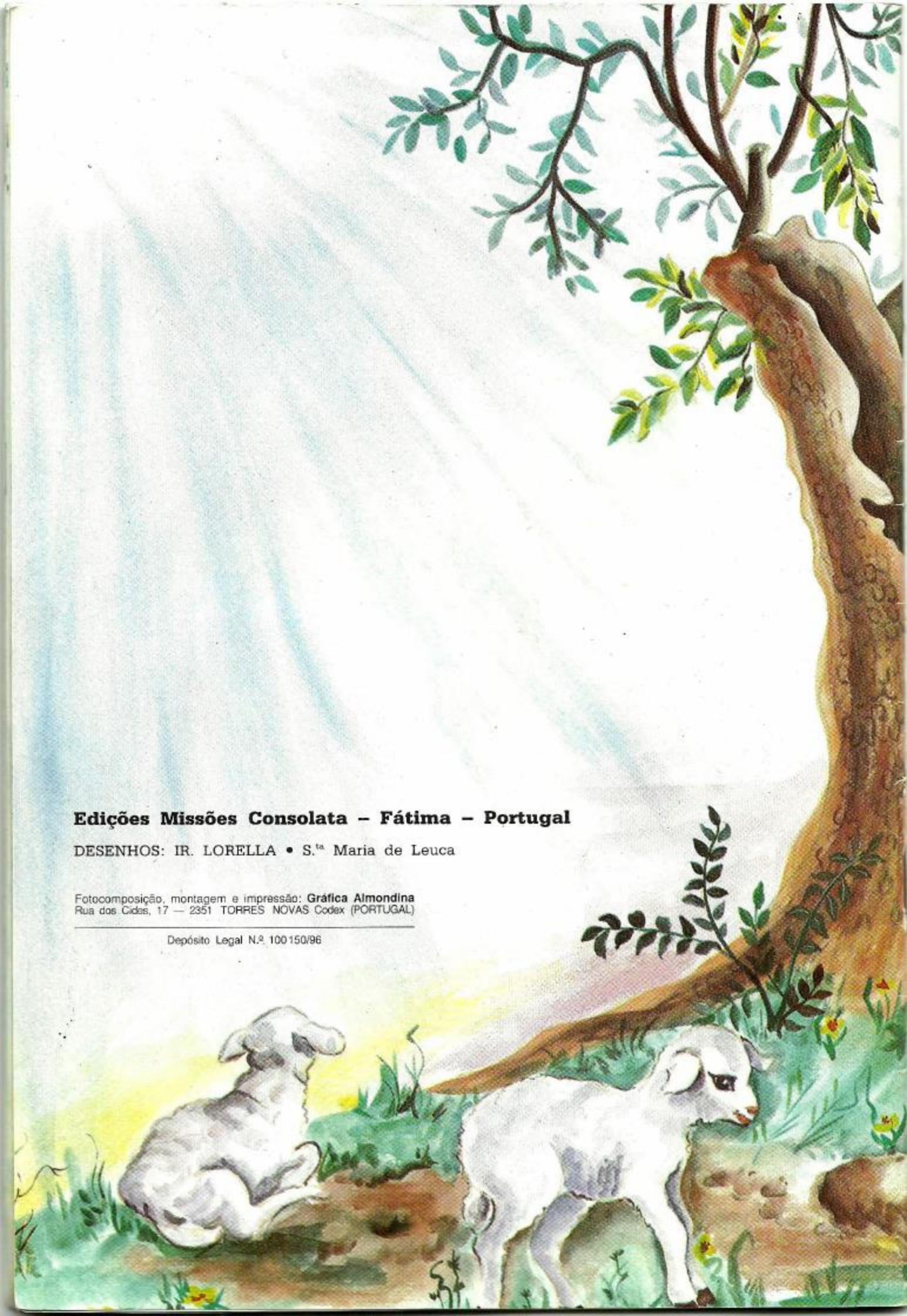
— Paciência, todos devemos sofrer para ir para o Céu.

Chegou o dia 20 de Fevereiro. Pelas seis horas da tarde, a pequenita sentiu-se muito mal. Pediu para receber mais uma vez o seu Jesus. Às dez horas e meia da noite, suavemente, sem agonia, a alma da pastorinha deixava este mundo e entrava triunfante no Céu.









**Edições Missões Consolata - Fátima - Portugal**

DESENHOS: IR. LORELLA • S.<sup>ta</sup> Maria de Leuca

Fotocomposição, montagem e impressão: **Gráfica Almondina**  
Rua dos Cídes, 17 — 2351 TORRES NOVAS Codex (PORTUGAL)

Depósito Legal N.º 100150/96